

Estúdio 88 videoperformances um depoimento [

Elaine Tedesco]

A pesquisa *Videoarte: o audiovisual sem destino* investiga o uso de imagens de arquivo com o cruzamento de modos técnico/experimentais de captação de imagem e som e as novas tecnologias para a edição e apresentação. Dessa forma, as articulações entre *low* e *high-tech* são abordadas, como procedimentos e como táticas que potencializam as inserções do material vídeo nas diferentes proposições artísticas.

Iniciada em 2013, a metodologia da pesquisa esteve estruturada em dois tripés: 1) Ações na universidade – articulou ensino, pesquisa e extensão 2) Focos de estudo – organização do material sobre as mostras de vídeo experimental *Vaga-Lume* coordenados pela artista e professora Maria Lucia Cattani, incluindo a revisão, catalogação e publicação do livro¹; realização de cinco edições da Mostra de vídeos *Videoarte: audiovisual sem destino / AVSD*² / acompanhada de Seminários, palestras; resgate de vídeos criados no projeto *Estúdio 88: pesquisa de videoperformance*³, desenvolvido no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1988. No seminário *Convergências* apresentei um depoimento sobre o *Estúdio 88*, que procuro lembrar neste texto.

1 TEDESCO, Elaine e RABELLO, Lu. Maria Lúcia Cattani Vaga-lume: mostra de vídeo experimental (2002-2011). Porto Alegre: Azulejo arte impressa, 2016.

2 Mostra de videoarte com edital público, mostras paralelas, exposições e seminários. Ver: <http://www.audiovisualsemdestino.com.br/>

3 Sobre isso ver: TEDESCO, Elaine. ANOTAÇÕES SOBRE O ESTÚDIO 88: Pesquisa de videoperformance http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/elaine_tedesco.pdf

A performance foi nosso ponto de partida

Em 1986, o artista Guto Lacaz⁴ ministrou um workshop de performance, no DAV_IA_UFRGS. Depois desse curso eu, Lucia Koch e Marion Velasco realizamos duas performances em teatro: – *Mucosa, quando as damas esperam o convite para dançar*, apresentada na sala Álvaro Moreira e o *Salão Performance*, apresentado na Sala Quorpo Santo, ambas em 1987, em Porto Alegre⁵. Ao mesmo tempo, grupos de música, como o *Vulgo Valentin*⁶ e dança, como o *Haicai*, formados por amigos nossos, também faziam performances em suas apresentações. Para lembrar um pouco da cena local, o circuito das artes apresentava a chamada geração 80, com as galerias Arte e Fato e Tina Presser representando muitos artistas jovens, eram tempos dos primeiros shows da banda *DeFalla*⁷, que, em 1985, participou da performance *Porquê Choras?* de Rogério Nazari e Telmo Lanes⁸. No teatro, Elcio Rossini dirigia *Passagem para Java*⁹ (1986). As mais diversas formas de *Live art* se conectavam e nos interessavam, por isso, quando soubemos da compra de uma câmera de vídeo pelo DAV_IA_UFRGS, pensamos em usá-la. O desejo de experimentar o vídeo, entender o uso do equipamento e, especialmente, testar as possibilidades da performance mediada pela câmera, nos levou a planejar o *Estúdio 88: pesquisa de videoperformance*. O projeto foi financiado pela FAPERGS¹⁰ e dele participaram: a professora Mara Álvares¹¹, Elaine Tedesco, Marion Velasco, Lucia Koch, Paulo Biurrrum, Ignês Borgese, Lígia Petrucci, Adriana Torres, Flávio Roberto Gonçalves, Richard John, Otávio Schneiders,

4 Guto Lacaz <http://www.gutolacaz.com.br/>

5 Um pouco mais sobre isso ver a Tese de Doutorado de Marion Velasco – ‘falei em voz ALTA’: ERRAGEM, Voz e Outros Sons em Performances Sônicas, páginas 50-54. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/165242>

6 Sobre uma das performances do Vulgo Valentin <https://www.youtube.com/watch?v=3D9VnOokYoQ>

7 Sobre o DeFalla <https://pt.wikipedia.org/wiki/DeFalla>

8 Sobre isso ver a dissertação de Leonardo Felipe. Rock my art, ou o esteticismo de Porque choras? ou o dia em que Edu K. Entrou pra história da arte, Dissertação de mestrado; UFRGS, 2013, disponível em : <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87668/000911766.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

9 Com Ilana Kaplan e Verlaine Prieto, cenário de Fernando Limberger, colagem de textos de Clarice Lispector, Júlio Cortázar, Miguel Magno e Ricardo Almeida. <http://elciorossini.blogspot.com/>

10 Coordenação: Elaine Tedesco. Teve aprovação e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul.

11 Um pouco sobre Mara Álvares <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9204/mara-avlares>

João Guimarães, Mauro Garcia Dahmer, Alvaro Luis Rosa da Costa, Claudia Sacks, Lia Menna Barreto e Paulo Campos.

Apesar do tempo transcorrido, conservei o material – fitas VHS, capturado naquele período em boas condições. Hoje, vejo essas gravações como documentos a serem trabalhados, potencializados e compartilhados.

O caminho com foco no *Estúdio 88*

O trabalho consistiu inicialmente em: digitalização, revisão, regravação e edição de imagens, juntamente com a inclusão de novos sons, implicando em distensões de sentidos. E numa segunda etapa: disponibilização do material na Internet, apresentação de um *screening* internacional, escritura de depoimentos, comunicação em seminários, orientação de bolsista de iniciação científica e produção de um catálogo.

Como estratégia para trabalhar com os arquivos do *Estúdio 88*, iniciei por rever as cópias das fitas VHS que ficaram comigo (uma ficou com Lucia Koch): ver e rever, marcar, anotar, lembrar o que havia sido importante, quais as ideias tidas para cada sequência ou bloco. Quem estava gravando? Separei, mentalmente, o que eu havia dirigido, gravado e performado. Anotei quais as passagens dos trabalhos de Lucia Koch, Marion Velasco, Paulo Biurrrum, Flávio Gonçalves, Mara Alvares e Vulgo Valentin.

- Videoperformance x performance (direção de performance, direção de vídeo) = em vídeo,
- A câmera como objeto,
- O vídeo como objeto,
- A ação com objetos,
- O corpo-objeto,
- Corpo que vê corpo que é visto (tudo se move),
- Construção do ambiente (utilização de um espaço físico limitado),
- OLHAR – ESCOLHA,
- Ausência e presença de som, criação de imagens sonoras,
- Fragmentação e repetição de imagens,
- Processos de descolagem e colagem (imagens de tv e sons de rádio),
- TEMPO - continuidade e descontinuidade - circularidade.

Fig. 1. Listagem de itens a serem explorados, segundo o relatório de pesquisa de 1988.



Fig. 2. Frame do vídeo *Mudo* com Lucia Koch e Marion Velasco (SD, 01:00, 1988. Original em VHS). Disponível em: <https://vimeo.com/96964818>

Em 2014, decidi editar parte do meu material para uma apresentação em Berlim¹², durante minha residência artística promovida pelo Instituto Goethe de Porto Alegre. Ver as cenas gravadas, há, praticamente três décadas, fez emergir, de imediato, um estranhamento diante da imagem que me pertenceu. Identifiquei nos meus vídeos, a recorrência de referências à dança, do uso de toucas e vestimentas de plástico e, uma ironia sobre estereótipos do feminino. O painel de fundo, instalado na sala, tinha no centro, um plástico com padrão floral, usado para toalhas de mesa. Em mais de uma videoperformance a performer está presa a ele por uma touca longa, noutra, a performer se desloca com um objeto de espuma que poderia lembrar uma colher gigante ou evocar um pegador de borboletas (Fig. 3).

12 Programação do Directors Lounge, com curadoria de Klaus W. Eisenlohr, ocorrida dia 31 de agosto no cinema do Z- Bar, Berlim. <http://www.richfilm.de/filmUpload/1-framesTedesco.html>



Fig. 3. Montagem com imagens do vídeo *Movimento 5*, com Lígia Petrucci e Adriana Torres (02:23, HD, 1988 - 2014). Disponível em: <https://vimeo.com/95673363>

Quando digitalizei as fitas VHS, me perguntei – Quais as estratégias para escolher as imagens de arquivo? Como vejo, hoje, as cenas gravadas há décadas? Como interpreto as referências, procedimentos e ações performadas naquele período?

A seguir, descrevo de três vídeos do Estúdio 88 (*Mudo*, *Movimento 5* e *Doce*) nos quais, eu trabalhei na concepção, junto com as colaboradoras, nas gravações e na edição das atuais versões.

O *Estúdio 88* iniciou no primeiro semestre de 1988, mas a verba da Fapergs só chegou no final daquele ano. Por isso, foram poucas as ações na primeira etapa. Apenas eu, Lúcia e Marion, trabalhamos numa pequena sala, com um único pé de luz, explorando o enquadramento fixo e alguns objetos. A câmera era, ainda, uma porta-pack, com fita separada do corpo da mesma. O vídeo *Mudo* (Fig. 2) faz parte dessa primeira etapa do *Estúdio 88* e como escrevi, noutra ocasião¹³, é o trabalho que mais reflete a interação que eu,

13 TEDESCO, Op. Cit.

Lúcia Koch e Marion Velasco tínhamos fazendo performance coletivamente. A partir de uma ideia simples: cochichar diante da câmera, Lúcia e Marion exploram os limites do enquadramento e jogam com a borda do quadro, saindo, entrando, criando movimentos que refletem o cochichar. Esse material foi apenas digitalizado e mantido, como no original, sem áudio. Em novembro, daquele ano, o processo foi enriquecido pelo uso de câmera móvel e gravação de cenas ao ar livre¹⁴ e, finalmente, com a chegada do recurso da pesquisa, em dezembro montamos um estúdio improvisado numa das salas do oitavo andar no prédio do Instituto de Artes. Devido a precariedade dos equipamentos e, a boa luminosidade da sala, optamos por gravar apenas com a luz natural que entrava pelas janelas.

Em *Movimento 5* (Fig. 3), vídeo criado em parceria com Lígia Petrucci e Adriana Torres – integrantes do grupo de dança contemporânea *Haicai*, combinam-se pontos fixos (Lígia com uma toca que a prende à parede e a câmera no tripé) e pontos móveis (seu ir e vir em direção à câmera); enquanto Adriana executa sucessivos deslocamentos laterais, ultrapassando os limites do quadro, encadeados pelos meus movimentos com a câmera. Na edição, reduzi o tempo da ação, mantendo a sequência. Já o áudio foi substituído, inseri uma trilha criada, na época, por um grupo de músicos que, também, realizava performances em Porto Alegre – o *Vulgo Valentin*, formado por João Guimarães, Mauro Garcia Dahmer, Vasco Piva e Eduardo Reck Miranda.

Doce (Fig. 4) - nesse vídeo uma mulher come, lentamente, **o açúcar retirado de dentro de uma maçã e derramado** na mesa. Ignez Borgese denominou a sua ação como *Simpatia do amor*. A câmera que faço, acompanha os seus gestos. Desfoca, aproxima-se e afasta-se da mesa cheia de açúcar. Na edição escolhi regravar a sequência mirando uma televisão de tela plana. A imagem ficou mais ruidosa e impregnada por um *mix-media* entre os vestígios do VHS, a textura de TV digital e o aspecto eletrônico. Uma superfície texturizada. Como áudio, escolhi uma trilha sonora composta em 2014 por Mauro Garcia Dahmer e João Guimarães, que hoje formam o grupo *Punk-Jazz*.

Nesses vídeos tem-se uma breve amostragem das experimentações que fazíamos. As ideias são organizadas a partir da articulação entre os movimentos de câmera e ação. Exploravam-se: a dupla performatividade – interrelação entre quem performa e quem grava a cena¹⁵; a movimentação, ritmo e gesto com objetos de cena pelo espaço; os limites do quadro.

¹⁴ Escreverei sobre isso noutro texto. Os trabalhos foram feitos numa viagem aos Campos de Cima da Serra Gaúcha, São Francisco de Paula e arredores.

¹⁵ Sobre isso ver: TEDESCO, Op. Cit.



Fig. 4. Montagem com imagens do vídeo *Doce*, com Ignez Borgese, (HD, 01:36, 1988 – 2013). Disponível em: <https://vimeo.com/95673362>

Primeiramente, trabalhamos com o enquadramento fixo e a ação ligada aos objetos e ao espaço determinado pelo quadro escolhido. Depois, quando passamos a usar a câmera na mão, percebemos que cada uma de nós utilizava os recursos técnicos disponíveis de maneira diferenciada e apresentava uma movimentação de câmera muito pessoal, com ritmo, velocidade e enquadramentos singulares. Assim, a articulação entre os movimentos de câmera e das ações registradas mereceram, naqueles dias, nossa atenção sobre a forma e o tempo de olhar de cada uma. No meu caso, focar era algo que, várias vezes, eu dispensava em detrimento da vontade de investigar o borrão das formas e das cores provocados pela luz no movimento dos corpos. Creio que havia um certo fascínio em usar a câmera e performar, visualmente, o movimento do meu corpo, ao olhar as ações de minhas colaboradoras, era

uma câmera sensorial, uma câmera na pele, desfocada do olhar. Se com a passagem do tempo o VHS deixa as cores mais descoladas das figuras, na conversão ao digital esse aspecto aumentou, impregnando as cenas.

Fazer vídeo é saber que com o tempo virá o apagamento e a certeza do desaparecimento. Faz 30 anos do início daquela pesquisa, essas fitas são, agora, como escrevi há algum tempo, objetos dormentes, mudos, posicionados em minha estante de livros. As imagens do *Estúdio 88* foram digitalizadas há 3 anos, mas por quanto tempo poderemos acessá-las?

Referências

FELIPE, Leonardo A., *Rock my art, ou o esteticismo de Porque choras? ou o dia em que Edu K. Entrou pra história da arte*, Dissertação de mestrado; Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87668/000911766.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

TEDESCO, Elaine. Anotações sobre o Estúdio 88: Pesquisa de videoperformance. *ANAIS do 24º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, ANPAP, 2015. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/elaine_tedesco.pdf

ROLIM, Marion Velasco, *“falei em voz ALTA”: ERRAGEM, Voz e Outros Sons em Performances Sônicas*, Tese de Doutorado, Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/165242>

Performances sonoro-visuais em tempo real:

um breve percurso histórico e conceitual [

Tatiana Giovannone Travisani]

As performances sonoro-visuais em tempo real se caracterizam, primordialmente, pela construção narrativa não linear, onde o artista compõe a obra durante seu próprio acontecimento, na execução simultânea de imagens, sons e dados em geral. São apresentações em que a improvisação e o acaso participam do processo criativo permitindo ao público experimentar a realização de uma peça autoral sempre única.

O resultado estético ocorre com a ação dos performers, desta maneira tanto os dados quanto a atuação são determinantes para a resposta final da obra, permitindo que ocorra uma simbiose homem-máquina onde o inesperado e o azar são essencialmente incorporados de maneira dialógica às peças.

Christine Mello (2008) pontua as transformações nos procedimentos criativos no campo do vídeo, reconhecendo uma nova perspectiva a partir do momento em que passa a ser manipulado e apresentado em tempo real. Nessa perspectiva, ele ganha um discurso estético livre, rompendo com o ato contemplativo, incorporando a perda do objeto e a ausência características das performances em suas apresentações.

O tempo simultâneo, integrando processamento de dados e a realização da performance, opera o próprio resultado relacionando com o tempo presente. Desta forma, o discurso poético ganha elementos ao redor da modalidade em si, das ações apresentadas num ambiente imersivo “da realidade de